

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIAS. GUILHERME DE FARIA.

MANSO, Joaquim

Ano: 1943 | Número: 53

Como citar este documento:

MANSO, Joaquim, Conferências. Guilherme de Faria. *Revista de Guimarães*, 53 (1-2) Jan.-Jun. 1943, p. 152-155.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conferências

No dia 2 de Março, a convite da Direcção da Soc. Martins Sarmiento, realizou o Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim Manso, no salão nobre desta Colectividade, uma conferência sôbre o poeta Guilherme de Faria.

Assumiu a presidência o Sr. Dr. Augusto Cunha, Presidente da Sociedade, secretariado pelos Srs. Alberto Costa e A. L. de Carvalho, Directores da Instituição.

Executado o hino da Sociedade Martins Sarmiento pela Orquestra Vimaranesense, o Sr. Dr. Augusto Cunha traçou brilhantemente o perfil do Sr. Dr. Joaquim Manso, apontando-o como escritor, jornalista e conferente de extraordinário poder emotivo e de invulgar cultura.

Damos, na íntegra, as impressões da interessante conferência, publicadas pelo *Diário de Lisboa*, e que para aquele importante jornal foram transmitidas pelo seu enviado especial:

Guimarães viveu ontem uma hora intensa de poesia. Para lá da sua história, muralha de orgulho que a cinge no próprio instinto da Pátria, através dos séculos, uma voz límpida, humilde e simples, vinda não da vida, mas da morte, revelou-se no génio lírico da raça. Guilherme de Faria, poeta de emoção, que a morte despedaçou na imensidade do mar, encontrou na palavra profunda e escultural do Dr. Joaquim Manso a sua voz, a sua alma e o seu sentido humano. Tôdas as sombras que velavam a sua máscara pálida e ardente se rasgaram na nudez imaculada da poesia.

Foi em Guimarães que essa alma de criança, que sabia cantar como os génios líricos predestinados, nasceu e dela se apartou nos seus breves anos, esquecida e triste. O dr. Joaquim Manso trouxe-o até ao seu berço, numa evocação tão luminosa e tão penetrante de sensibilidade que foi como que uma restituição espiritual. Dir-se-ia que a sua pequena pátria o ignorava — para tão longe a existência o levou.

O nome ilustre do conferente e o tema escolhido, tão doloroso na sua emotiva saúde, criaram um ambiente de vivo interesse.



Guilherme de Faria

A poesia também tem os seus direitos. Guimarães, que acendeu o fogo sagrado da sua cultura, em perpétua vigília, no admirável Museu Martins Sarmiento — no seu género a mais valiosa e desinteressada instituição particular do país — prestou ali ao Sr. Dr. Joaquim Manso uma homenagem calorosa, na qual colaborou toda a cidade. Muito antes da hora marcada para a conferência, a vasta sala de honra, ennobrecida pejo busto do fundador, encheu-se por completo dos valores mais notáveis de Guimarães. Na janela principal, via-se o estandarte verde-branco da Instituição. Na escadaria e nas salas principais, forradas de lindíssimas colchas de velho damasco, viam-se centenas de pessoas. Havia flores. A multidão comprimia-se na sala e numerosas pessoas tiveram de ficar de pé em filas sucessivas, estendendo-se, ainda, por outros compartimentos do solene edificio.

Antes de o orador chegar, a assistência ocupou os seus lugares. Uma das notas mais comovedoras da noite foi a presença da mãe de Guilherme de Faria, senhora D. Lúcia de Sequeira Braga Leite de Faria, com suas duas filhas, «mater dolorosa» cujas mãos o orador cobriria de piedosas flores.

O Sr. dr. Joaquim Manso deu entrada na sala pelas 22 horas, acompanhado por todos os membros da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento. Produziu-se, então, uma grande manifestação. Toda a assistência se levantou, envolvendo-o numa quente e prolongada salva de palmas. Uma orquestra executou o hino sarmentino e outra ovação repercutiu na sala de dimensões monumentais, que tem a sobriedade e a nobreza do seu augusto Patrono.

Falar de um poeta que morreu de amor numa cidade romântica como a de Guimarães é o mesmo que prender com fios de encanto a alma feminina. Todas as senhoras da cidade quiseram comungar nesse culto ao poeta. A sua beleza, a sua graça, a sua emoção como que cobriam de rosas a sepultura do mar onde jaz Guilherme de Faria. E algumas lágrimas, também!

Em lugares reservados, à esquerda da presidência, sentaram-se a mãe do poeta, suas duas irmãs e outras senhoras; e, à direita, delegados das autoridades locais, oficiais do Exército, Legião Portuguesa, organismos económicos, etc. Na sala, que oferecia um aspecto deslumbrante e cuja nota característica foi dada pela elegância e distinção das senhoras, viam-se os mais ilustres nomes vimaranenses, médicos, advogados, professores, sacerdotes, estudantes, etc. Entre outros, os Srs. Francisco de Assis Pereira Mendes e Alberto Vieira Braga, da Sociedade Martins Sarmiento; Alfredo Guimarães, director do Museu Alberto Sampaio; padre João Magro, arcepreste; escultor António Azevedo, director da Escola Industrial; dr. Alfredo Dias Pinheiro, representante do corpo docente do Liceu de Martins Sarmiento; José Mendes Ribeiro Júnior, comandante da Legião; António Augusto de Almeida Ferreira, comandante dos Bombeiros Voluntários; dr. Eduardo de Almeida e muitos outros, sendo impossível dar a nota completa de quantos assistiram a esta elevada sessão.

Logo às primeiras palavras do Sr. Dr. Joaquim Manso caiu na sala uma atmosfera de ardente comoção espiritual. A sua voz sentida e profunda como que modelou a alma do poeta com a delicadeza de uma flor. Entregou-se, nas suas palpações mais dolorosas

de anseio, sentimento amoroso e de interrogação infinita, à presença de sua mãe. Foi um reconhecimento e uma identificação, iluminada pelo pranto que corria em muitos olhos femininos.

Repetidas vezes, a assistência, erguida por um sôpro tão grande de eloquência, cortou a oração de aplausos vibrantes. O Sr. dr. Joaquim Manso, num momento de grande emotividade, que todos compreenderam, leu a «Carta do Mar», obra prima de Guilherme de Faria, dirigida a Manuel, o jovem marinheiro que a morte também arrebatou. E os dois, nas suas palavras, abraçados, como que ouviram, para lá da vida, êsse chamamento angustioso e dramático.

Pode dizer-se que essa notável peça literária do Sr. Dr. Joaquim Manso, que dá ao lirismo português um novo valor, de extraordinária beleza, acendeu mais um culto em Guimarães — na alma de Guilherme de Faria, que mãos femininas vão velar por todo o sempre.

Foi no meio da mais empolgante emoção que a conferência terminou, hora de espiritualidade que resgatou do esquecimento o autor da «Saúde Minha». A sala inteira ergueu-se de novo, tributando ao orador tôda a sua admiração e todo o seu respeito. A mãe do poeta, profundamente comovida pela evocação que todos acabavam de escutar, levantou-se e foi agradecer ao Sr. dr. Joaquim Manso as palavras com que retracera o perfil de Guilherme de Faria. O testemunho de admiração era geral e profundo, por aquela voz que ficara a vibrar como um eco que se prolonga de sala em sala.

*

* *

No dia 22 de Maio realizou-se a segunda conferência da série brilhantemente iniciada por esta Colectividade.

Honrou-se, desta vez, a Sociedade Martins Sarmiento, com a presença e a palavra fluente de uma Ilustre Senhora, que ocupa um lugar de assinalado destaque no campo das Letras Portuguesas.

D. Veva de Lima foi a conferente primorosa que Guimarães se deliciou em ouvir, no magistral trabalho que subordinou ao tema — *Impressões da América*.

Presidiu a esta sessão, de elevado cunho espiritual e de marcado relêvo na distinção da assistência, nobremente representada por todos os ramos do que Guimarães melhor conta em actividade e elegância social, o Sr. Dr. Augusto Cunha, presidente da Sociedade, secretariado pelos Srs. Francisco Pereira Mendes e Alberto Costa, Directores da Instituição.

«A distinta Senhora falou-nos tão admiravelmente, expôs com tamanha clareza as curiosíssimas impressões da viagem que fizera ao país dos dólares que a assis-